

PAULO FREIRE NA ESCOLA

SÉRIE CADERNOS PEDAGÓGICOS N°3/2021

**PAULO FREIRE NA ESCOLA:
ENSINAR EXIGE RESPEITO AOS
SABERES E À AUTONOMIA DO
SER DOS(AS) EDUCANDOS(AS)
E /EDUCADORES(AS)**

Targelia de Souza Albuquerque



PAULO FREIRE NA ESCOLA

SÉRIE CADERNOS PEDAGOGICOS N° 3/2021

PAULO FREIRE NA ESCOLA: ENSINAR EXIGE RESPEITO AOS SABERES E À AUTONOMIA DO SER DOS(AS) EDUCANDOS(AS) E EDUCADORES(AS)

Targelia de Souza Albuquerque

**CAMPANHA NACIONAL E INTERNACIONAL RUMO
AO CENTENÁRIO DE PAULO FREIRE**

PROJETO: PAULO FREIRE NA ESCOLA

INSTITUIÇÕES PROMOTORAS: CPFREIRE – SINTEPE – SINPROJA

INSTITUIÇÃO CONVIDADA: PUC/MINAS (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS. PROJETO LER COM REFUGIADOS E MIGRANTES)

COORDENAÇÃO COLEGIADA: Natália de Souza Albuquerque (CPFREIRE e USP/SP); Inez Fornari de Souza (CPFREIRE); Séphora Freitas (SINTEPE; SINPROJA) e Targelia de Souza Albuquerque (CPFREIRE, UFPE, FACHO)

COLABORADORAS: Maria Aparecida Vieira de Melo; Maria Nayde dos Santos Lima (CPFREIRE)

AUTORA dos textos 1, 2, 3, 4, 5: Targelia de Souza Albuquerque (CPFREIRE)

AUTORAS do texto 6: Targelia de Souza Albuquerque e Karla Fornari de Souza (CPFREIRE)

REVISÃO TÉCNICA: EQUIPE DE COORDENAÇÃO E COLABORADORAS.

ESCULTURA: Marcelo Figueiredo

FOTO DA ESCULTURA: Jônatas Campos/Tempus Comunicação

PROJETO GRÁFICO: Henrique Carvalho/Tempus Comunicação

IMPRESSÃO: Gráfica Três Reis

LOCAL E ANO DE PUBLICAÇÃO: RECIFE/2021

APRESENTAÇÃO

Sejam bem-vindas/os ao Projeto Paulo Freire na Escola! Estamos caminhando rumo ao centenário de Paulo Freire e este projeto colabora com a formação continuada de professoras/es à luz de seu pensamento.

O objetivo central deste projeto é construir espaços dialógicos com professoras e professores de todo o Estado de Pernambuco, para conhecerem e aprofundarem a Pedagogia Paulo Freire, tornando-a práxis no cotidiano de suas vidas. É um convite para dialogar sobre suas contribuições para um projeto de Educação/Escola substantivamente democrática.

Este projeto está sendo organizado por uma coordenação colegiada, formada pela Profa. Dra. Targelia de Souza Albuquerque (Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas), pela Dra. Natalia de Souza Albuquerque (Universidade de São Paulo), pela Profa. Inez Fornari de Souza, diretora Administrativa do Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas e pela Profa. Séphora Freitas, diretora do SINTEPE e vice presidenta do SINPROJA. Ele será uma oportunidade de estimular nossa participação interdisciplinar, religando vários saberes de diferentes áreas do conhecimento, construindo uma problematização crítica sobre nosso fazer educativo cotidiano e a própria razão de ser da escola, da educação.

Aqui, contaremos com dois momentos principais: 1. Leitura e anotações crítico-propositivas de um texto que aborda categorias da Pedagogia Paulo Freire, articulando teoria e prática. 2. Para aprofundar a compreensão, tirar dúvidas e debater ideias e práticas, organizaremos Lives com a participação de convidadas/os estudiosas/os de Paulo Freire.

O tempo de cada Live será de 60 minutos, sempre começando às 19h. As lives serão transmitidas simultaneamente em diversos canais. Vocês terão acesso a elas por meio do **Instagram @muitomaisperguntasquerespostas**, pelo canal do **Youtube** e **Facebook** do **SINTEPE**, pelo canal do **Youtube** e **Facebook** do **CPFreire** e pelo canal do **Youtube** e **Facebook** do **SINPROJA**. A pesquisadora Natalia de Souza Albuquerque será a mediadora.

Este projeto conta com a colaboração de diversas pessoas do Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisa, do SINTEPE e do SINPROJA. Para saber mais sobre essas instituições, que nos ajudam a dar vida ao Projeto “Paulo Freire na Escola”, e entender o papel crucial que elas têm na produção de conhecimento e na luta por uma Educação substantivamente justa, ética e democrática, nós a/o convidamos a ler os textos a seguir.

Um abraço fraterno,
Coordenação Colegiada

Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas

O Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas, doravante denominado CPFreire, fundado em 29 de maio de 1998, é uma associação civil, sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ/MF sob o n.º 03.709.317/0001-90.

A Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, berço no qual Paulo Freire iniciou seu sistema educacional, solidária com os objetivos do CPFreire e entendendo que a filosofia e pedagogia freireana é atual e profícua, apoia desde o início suas iniciativas. Sua sede está localizada no Campus Recife, Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Centro de Educação, Sala E004.

O CPFreire tem como finalidade educativa e cultural manter em circulação e vivas as ideias de Paulo Freire, educador pernambucano, referência no Brasil e no mundo. Objetiva promover atividades educacionais e culturais populares, cursos de formação continuada de professoras e professores, visando divulgar o pensamento do educador Paulo Reglus Neves Freire, aprofundar estudos sobre sua obra e trajetória política, construir conhecimentos, tomando como referencial sua contribuição para a Educação, oficialmente reconhecida pela Lei nº 12.612/2012, proclamando-o **Patrono da Educação no Brasil**.

Dentre as diversas ações realizadas pelo CPFreire, vem ocupando espaço relevante o **Colóquio Internacional Paulo Freire**, que já segue para sua XI versão. Em 2021 estaremos realizando a 2ª edição dos Pré-Colóquios em alguns municípios do Brasil e do exterior. Ressaltamos que devido ao agravamento da pandemia da Covid-19, os Encontros estão sendo realizados remotamente.

O I Colóquio Internacional Paulo Freire foi realizado em 1998. Sua avaliação positiva, assim como a das versões que o sucederam são indicadores da contribuição do CPFreire à criação da prática de uma ação educativa e cultural para a liberdade, que se consubstancia em uma educação dialógica, base de uma democracia plena com maior compreensão entre os povos. Estes Encontros se constituíram em um espaço privilegiado de troca de experiências, de produção de conhecimentos, processos de estudos e pesquisas que propiciam a construção de novos conhecimentos e saberes.

Assim, de dois em dois anos, reúnem-se estudiosas(os) do pensamento freireano, educadoras(es) de vários níveis, profissionais de diferentes áreas do conhecimento, especialmente da educação popular e da saúde, provenientes de várias partes do mundo, principalmente da América Latina, África, Europa e de vários Estados brasileiros.

A Diretoria e o Coletivo Paulo Freire esperançosa(o), com apoio das(os) parceiras(os): UFPE, PROExC, CE, Cátedra Paulo Freire, FAFIRE, Fóruns de EJA, SINTEPE, SINPROJA organizam e realizam os Pré-Colóquios Rumo ao XI Colóquio Internacional - **100 ANOS DE PAULO FREIRE: da leitura de mundo à emancipação dos povos, para 16, 17, 18 e 19 de setembro de 2021. VAMOS ESPERANÇAR JUNTAS E JUNTOS?**

 www.centropaulofreire.com.br

 [cpfreire_pe](https://www.instagram.com/cpfreire_pe)

 [C Paulo Freire](https://www.facebook.com/CPauloFreire)

 www.youtube.com/channel/UCtjML4cSFA2HKQyTan4bnv

SINTEPE

O Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco (SINTEPE), filiado à Central Única dos Trabalhadores (CUT) e à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), foi fundado no dia 26 de março de 1990, após um congresso de unificação. A constituição do SINTEPE fundiu forças importantes em uma só luta: Associação dos Professores do Ensino Oficial de Pernambuco (Apenope), Associação dos Supervisores do Estado de Pernambuco (Assuepe), Associação dos Orientadores Educacionais de Pernambuco (Aoepe) e a Comissão dos Administrativos. Mais recentemente passamos a representar também os/as analistas educacionais.

Atualmente, a entidade representa a maior categoria do Estado, com 75.242 mil servidores(as) (ativos e aposentados), dos quais mais de 22 mil são filiados/as. Nossa atuação abrange todo o Estado de PERNAMBUCO, com 13 núcleos regionais, além da sede, localizada em Recife.

Nesses 31 anos de existência do SINTEPE, a luta dos/as trabalhadores/as em educação tem sido por melhores salários e por condições de trabalho. Mas, a sua pauta não se resume às questões corporativas. Temos a certeza de que, para alterar a realidade brasileira, é preciso o envolvimento da categoria em outras demandas, relacionadas a busca por justiça social e igualdade de oportunidades para a classe trabalhadora.

A unidade dos/as trabalhadores/as em educação sempre foi fundamental para as conquistas coletivas, utilizando os caminhos possíveis, como o diálogo, a negociação, a ocupação das ruas e, hoje ainda mais, os meios tecnológicos. Os percursos são sinuosos. Tivemos avanços e retrocessos. Em nossa histórica, nunca faltou perseverança e disposição, o que nos dá a certeza de que a luta vale a pena.

O SINTEPE tem por princípio a defesa de uma educação pública, democrática, inclusiva e libertadora e, por isso, segue o ideal freireano, que reconhece educador/a e educando/a como sujeitos do processo educacional. Assim, no ano do centenário do Patrono da Educação Brasileira, abraçamos o **Projeto Paulo Freire na Escola**, como forma de mobilizar a sociedade a organizar-se para mudar o mundo. **Venha esperar conosco e fortalecer a resistência!**

SINPROJA

O SINPROJA completou 28 anos, cultivando valores como compromisso, solidariedade, unidade, lutas e conquistas que marcaram sua trajetória desde 1984, quando ainda era APROJA (Associação dos Professores do Jaboaão).

Sua história começou num tumultuado momento da política local, marcado por intervenções no município e demissões de professores(as), passando por momentos importantes, que marcaram o início da reorganização política da categoria, ao transformar-se, através de uma assembleia histórica, no demolido Clube Jaboaonense, em SINPROJA (Sindicato dos Professores do Município do Jaboaão dos Guararapes), em 30 de março de 1993. E, posteriormente, com a unidade entre professoras(es) e funcionários/as da educação na base da categoria, alcançada a partir do III Congresso, em 05 de outubro de 1999, que vai consolidar sindicalmente o formato que possui até hoje, de congregar todos os trabalhadores e trabalhadoras em educação em sua base.

Filiado à Central Única dos Trabalhadores (CUT) e à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), o SINPROJA abraça e encaminha as deliberações nacionais, de forma contundente e destacada. Sua história mostra um legado de grandes conquistas, tais como: o Estatuto do Magistério, em 1995; Realização da I Conferência Municipal da Educação em 2000; Conquista do Plano de Cargos e Carreira (PCC) dos Professores em 2002 e do Plano de Cargos, Carreira e Vencimentos dos Administrativos em 2008; a Lei do Piso Salarial do Magistério etc.

Jaboaão dos Guararapes fez parte das andanças de Paulo Freire, integrando o roteiro de suas reflexões e inspirações. Ele continua vivo, tendo o SINPROJA como herdeiro dos seus ideais, atuando na propagação de seu pensamento, seja nos cursos de formação política e sindical que realiza, seja nos fóruns educacionais que seus dirigentes participam, bem como em suas ações de luta em defesa da democracia e da garantia de direitos.

Nesse sentido, o SINPROJA se incorpora a mais uma iniciativa de comemoração ao centenário de Paulo Freire, levando para as escolas do Município, através desses Cadernos Pedagógicos, as grandes contribuições do Patrono da Educação Brasileira e acreditando que “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”. O sonho coletivo é a transformação em processo de realização. JUNTAS(OS) SOMOS FORTES!

CRONOGRAMA DAS LIVES, COM RESPECTIVAS TEMÁTICAS

- Live 1. Dia 29/05 - Temática: Paulo Freire na Escola: uma história de vida em defesa da vida.
- Live 2. Dia 26/06 - Temática: Paulo Freire na escola: ensinar exige diálogo.
- Live 3. Dia 28/08 - Temática: Paulo Freire na escola: ensinar exige respeito e autonomia aos saberes e à autonomia do ser dos(as) educandos(as) e educadores.
- Live 4. Dia 02/10 - Temática: Paulo Freire na escola: ensinar e aprender exigem a curiosidade epistemológica e o pensar certo.
- Live 5. Dia 06/11 – Temática: Paulo Freire na escola: Ensinar exige ouvirtude e amorosidade
- Live 6. Dia 04/12 – Temática: Paulo Freire na escola: ensinar exige criatividade e esperança
- Live 7. Dia 11/12 - Para a Avaliação dialógica do Projeto Paulo Freire na Escola: A vez e a voz dos(as) professores(as).

Para quem participar efetivamente das seis lives, serão entregues Certificado de participação pelo Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisa e SINTEPE e SINPROJA.

**PAULO FREIRE NA ESCOLA:
ENSINAR EXIGE RESPEITO AOS
SABERES E À AUTONOMIA DO
SER DOS(AS) EDUCANDOS(AS)
E EDUCADORES(AS)**

Targelia de Souza Albuquerque
targeliaalbuquerque@gmail.com

VAMOS TECER O CAMINHO, REMEMORANDO...

Este texto integra as ações do Projeto **Paulo Freire na Escola: fundamentos e práxis**, que representam passos de uma caminhada formativa rumo ao Centenário de Paulo Freire; tecido a várias mãos, com o apoio de várias instituições, entre elas, a Editora Construir, o Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisa, o SINTEPE e o PROEJA. A perspectiva dialógica é a sua “cara”, pois, garantiremos a participação: vez e vozes dos(as) educadores(as) de Pernambuco, bem como de diferentes lugares dos brasis dentro de nosso Brasil, que labutam no chão da escola. Ao assumir, no coletivo, esse processo de formação, a autora apresenta aprendizagens construídas, ao longo de mais de 40 anos, em diálogo com Paulo Freire e outros(as) atores(as)-autores(as). É um texto-convite para o(a) leitor(a) conhecer os escritos de Paulo Freire; teoria e práxis, seu legado.

Das memórias freireanas podemos avivar e avaliar as nossas trajetórias e, na tessitura do passado com o presente, ousarmos fazer da vida uma arte universal. Será com fios e franjas diversos que a estética de uma educação como prática de liberdade poderá ser (re)criada, trançada como uma rede de relações sociais emancipatórias que vão se concretizando, como práticas pedagógicas em defesa da vida dentro e fora da escola. Nós temos a responsabilidade de sujarmos as nossas mãos de barro, de colocarmos os pés no chão das diferentes realidades e abriremos trilhas para que os(as) caminhantes possam desvelar as contradições; identificar limites e possibilidades; compreender-se como seres de relações sociais e, no complexo e gratificante trabalho de crítica e autocrítica, poderem (re)construir, (re)significar saberes e estratégias que instrumentalizem ações de resistência. Esta resistência é ativa, pois, possibilita a ousadia do sonho coletivo que move a luta e define compromissos em favor da uma educação substantivamente democrática que se concretize na escola e em diferentes espaços educativos.

Partimos do pressuposto de que rememorar é um ato político e pedagógico. A memória é atravessada de História e Cultura. Ela nos permite o autorreconhecimento como sujeitos humanos inconclusos, incompletos e inacabados, seres no mundo e com o mundo, mas, sobretudo, nos mobiliza a decisões éticas: Em uma perspectiva histórica, que projeto de mundo defendemos? Quais os nossos compromissos pessoais, educacionais, como cidadãos(ãs) com uma sustentabilidade do desenvolvimento planetário, inseparável de uma ecologia profunda, em defesa da existência humana digna, fraterna e justa? O que cada um(a) de nós poderá fazer como ser humano, professor(a), gestor(a), na sua sala de aula, escola, em diferentes organizações da sociedade civil, ou em órgãos de governança municipal, estadual e governamental, para construirmos e/ou consolidarmos uma educação/escola substantivamente democrática? (FREIRE, 2000 (a); MORIN, 2010).

Paulo Freire, no livro **Essa Escola Chamada vida** explica que há uma grande diferença entre a “adjetividade democrática” e a “substantividade democrática”. A adjetividade é ilusória; feita para adornar ou mascarar a realidade e, muitas vezes, pode paralisar as pessoas, fazendo-as acreditar que vivem na democracia, impedindo-as de desvelar as contradições sociais. Essa adjetivação vem sempre acompanhada de uma “conformidade histórica”, de fatalismos que precisam ser desvelados por quem acredita, defende e luta pela verdadeira democracia. A substantividade democrática é comunhão entre pessoas, povos e nações; é imersão crítica na realidade e emersão lúcida e solidária; é coletiva e co-laborativa; é trabalho que sintetiza múltiplas relações culturais e sociais, em que a criticidade e eticidade, de mãos dadas, orientam as tomadas de decisão, a partir do desvelamento das contradições e enfrentamento dos conflitos; é possibilidade histórica de mudança. A substantividade democrática exige acolhimento, respeito aos saberes e à autonomia de ser dos(as) educandos(as), “com quem aprendemos e a quem ensinamos na prática comum da liberdade” (FREIRE e BETTO, 2000, p.64).

Ao reconhecer que o processo educativo se faz em comunhão, Paulo Freire reafirma que educadores(as) ensinam e aprendem ao mesmo tempo. Isso é tão im-

portante, porque questiona a arrogância de alguns/algumas que acreditam que o seu saber, a sua formação acadêmica e/ou seu status profissional os permitem se sentirem superiores aos/às discentes, que na visão de alguns, são inferiores. Problematicar essa conduta é fundamental, pois, a humildade e disponibilidade ao outro ser humano são indispensáveis à uma prática educativa ética.

Se na sua caminhada, o(a) docente foi desrespeitado(a) por algum de seus pares, pela gestão, pelas famílias e/ou até pelos próprios estudantes; se ele/ela não compreender as razões de tais atitudes e tentar negar o conflito para não enfrenta-lo, perderá uma valiosa oportunidade de aprendizagem profissional humanística, bem como a de recuperar a sua autoestima e fortalecer a autonomia. Sem essa análise crítica das situações, de uma autoavaliação responsável, do reconhecimento da vocação ontológica do ser humano em “ser-mais” (Freire, 2007), esse(a) docente, provavelmente, terá muitas dificuldades em se respeitar, como também a seus/suas educandos(as).

Paulo Freire chama a atenção para o seguinte contexto: o(a) educador(a) antes de iniciar um processo educativo ou com ele se envolver, precisa se perguntar como se enxerga como sujeito humano e sobre a sua fé e imenso amor à gente, a todas as gentes; a cada sujeito com uma ampla diversidade cultural e social. São problematizações chave: Quem sou eu como professor-educador/a? Sou radicalmente contra a qualquer forma de preconceito e discriminação? Tenho coragem e determinação para enfrentar os meus equívocos e me (re)fazer no próprio e contínuo processo formativo ao longo da vida? Sou capaz de superar a relação vertical que impõe barreiras interpessoais, culturais e sociais entre “os que sabem e os que não sabem” em um dado contexto? Valorizo as diferentes culturas e manifestações dos seres sem tentar emitir juízos de valor e colocar umas em destaque e marginalizar ou segregar outras? Quais as minhas concepções sobre ensinar e aprender? Estou disposto(a) a (re)orientar a prática pedagógica em favor daqueles que mais precisam de ajuda para enfrentar as suas dificuldades e investir na autonomia do ser dos(as) educandos(as), em favor da emancipação social?

Caminhar com Paulo Freire na escola é assumir que “o ponto de partida não

é o saber do educador, mas sim a prática social dos educandos(as). É essa prática que constitui o eixo em torno do qual gira o processo educativo”. (FREIRE e BETTO, 2000, p. 77).

Porém, é importante ressaltar que, se a prática educativa se dá em comunidade: docentes e discentes, as histórias de vida de uns se entrecruzam com as dos outros. Ambos precisam se revelar, pois, a coerência e a consistência se corporificam nos exemplos. Os(as) professores (as), em cuja caminhada, já foram dados mais passos nesse processo formativo não podem se eximir da responsabilidade ética de formar, mesmo enquanto aprendem e (re)aprendem. É nessa perspectiva, que o respeito aos saberes e à autonomia do ser dos(as) estudantes torna-se uma exigência à prática educativa ética.





1. Respeito aos saberes e à autonomia do ser dos(as) educandos(as)

Caros(as) leitores(as), compartilho com vocês um pouco da minha experiência em processos de formação docente, como ponto de partida para a compreensão dos conceitos: Respeito e Tolerância em Paulo Freire. Durante uma roda de diálogo, perguntei a alguns/algumas docentes sobre o que significava “respeito aos/às educandos/as”?

Como Paulo Freire, tive um de meus espantos, quando ouvi as seguintes falas: “Temos de respeitar cada educando do jeito que ele é”. “Nós não temos nada com a vida particular de ninguém, cada um tem seus credos, suas convicções e seu modo de se portar no mundo”. Eu que não vou me meter para depois a família vir na escola e montar barraco. Vai sobrar para mim.” “Respeito não tem mistério. É, simplesmente, aceitar o outro tal como ele é”; “não perturbar nem questionar o modo de ser de cada um”; “é deixar a pessoa agir de acordo com suas vontades e satisfação pessoal”; “a escola precisa respeitar os alunos com diferentes pontos de vista, pois, não há certo nem errado”. “Se a escola não respeita os estudantes, os alunos, também não respeitam os professores e vai virar bagunça”. “Eu deixo cada um viver a sua vida, porque não quero que ninguém se meta na minha”.

Os ensinamentos freireanos nos possibilitam ter uma visão político-pedagógica e corresponsável do **respeito**. Precisamos não confundir posturas de incentivo a individualismos que, ao final das contas, machucam e são, na maioria das vezes, desprovidas de compromisso das autênticas e corajosas atitudes de **respeito** à autonomia e substantividade de cada ser humano. Este que se concretiza em uma práxis radical contra qualquer forma de preconceito e discriminação cultural e social. **Respeito** implica em compromisso com vocação ontológica de cada ser humano, para que ele possa ser-mais; com o princípio da produção da vida, defesa da igualdade na diversidade; significa responsabilidade com o/a outro/a para que cada um/a se reconheça no

mundo como cidadão/cidadã de direitos e, conseqüentemente, de deveres: seres de autonomia e liberdade.

Paulo Freire nos ensina que “É fundamental respeitar o princípio de que o processo educativo é um processo coletivo”. (FREIRE e BETTO, 2000, p. 73). Nesse processo, os(as) educadores(as) têm uma parcela de trabalho e muita responsabilidade na criação de “mecanismos pedagógicos de expressão e explicitação das lutas, das dúvidas, das incertezas, da palavra” dos(as) estudantes. (Idem). **Isso é respeito!** Ele precisa estar expresso no núcleo do processo educativo, na prática social geradora e na práxis emancipatória.

Respeitar é deixar falar e parar para ouvir e demonstrar uma atenta escuta. Respeitar é ter coragem da aproximação criativa e desveladora, que possibilita o conhecimento de cada estudante em sua singularidade e também como parte de um coletivo cultural e social, para que não se sobreponha ao conhecimento do ser humano, um currículo oficial, muitas vezes, acrítico, a-histórico, posto para homogeneizar visões e burocratizar mentes (FREIRE E HORTON, 2009). Necessário se torna, portanto, criar espaços de encontro, construir o diálogo para conhecer os elementos da prática social dos/as discentes. É indispensável, como explica Freire, se extrair os elementos fundantes da prática social e problematizar para conhecer com profundidade os/as educandos(as): “[...] quem são, o que fazem, o que sabem, o que vivem, o que querem, que desafios enfrentam”, entre tantos outros aspectos. (FREIRE e BETTO, 2000, p. 77).

Paulo Freire, através dos seus fragmentos de memória, consegue construir pontes entre o passado e o presente e fazer travessias promissoras, projetar. Ao retornar ao Brasil, após dezesseis anos de exílio e de ter participado de muitos processos educativos, com destaque aos seus trabalhos no Chile e em África: Cabo Verde, Príncipe, São Tomé, Moçambique e, especialmente, em Guiné Bissau, declarou que, continuava presente em sua atividade político-pedagógica a sua preocupação com “o respeito verdadeiro e não taticamente manhoso pelos educandos, pelas massas populares”. Ele reafirma de diferentes modos que sem esse respeito, “não há revolução, não

há reinvenção de sociedade nenhuma, em termos autênticos”. Ao se referir à autenticidade do respeito aos saberes e à autonomia do ser dos/as educandos/as, nos convoca a refletir sobre uma de suas crenças: “Assim, como não acredito numa pedagogia feita para o estudante, e muito menos sobre eles, não acredito em uma transformação feita para as massas populares, mas com elas.” (FREIRE e BETTO, 2000, p. 73).

Respeito é um constitutivo da Pedagogia Paulo Freire, diretamente articulado à questão da **tolerância**. A tolerância nos ensina a não fazer juízos de valor e impor nossas posições. A virtude da tolerância se faz na prática do diálogo crítico, mas, sobretudo amoroso e pleno de respeito. **A tolerância e o respeito**, de mãos dadas, estão presentes nas práticas de uma ética universal do ser humano. Ser tolerante e respeitar a história de vida e a prática social originária não significam “convivência” com atitudes que negam a substantividade democrática e tentam desqualificar a humanização do ser humano ou destituir direitos. **A tolerância**, explica Paulo Freire, nos ensina a superar preconceitos, “a conviver com o diferente, para, no fundo, brigar melhor com o antagônico” (Idem, p. 56).

2. Respeito, autonomia e ética: uma trilogia à luz de Paulo Freire.

Ao desejarmos que Paulo Freire entre na nossa escola e ilumine as práticas educativas (re)criadas no cotidiano da sala de aula ou em diferentes espaços educativos, precisamos cultivar em cada um de nós – educadores(as) e educandos(as) – um sentimento de pertença que nos tire do conformismo e mova à transformação. Na medida em que assumimos de modo corresponsável nossos compromissos com a aprendizagem dos/as educandos(as) em uma perspectiva de educação para a qualidade social, então estamos construindo em processo um projeto de educação emancipatória.

Os sujeitos dessa aprendizagem, ora na condição de docente ou discente precisam se reconhecer como seres humanos incompletos, inconclusos e inacabados para coparticiparem desse permanente processo educacional de busca. É um processo de imersão na realidade, mas ao mesmo tempo de transcendência, de emersão crítica, de procura, de desvelamento de contradições e conflitos. Pode parecer uma atitude ingênua de querer em um passe de mágica transformar-se e transformar o mundo. Isso é possível de acontecer e fará parte do processo, mas, cabe aos(às) professores(as) mediar o processo de transitividade da consciência ingênua para a consciência crítica, analisando as possibilidades históricas e as estratégias concretas de transformação do que está dado como estabelecido e imutável.

A inquietude, às vezes, irreverência e rebeldia diante dos fatos que aparecem como verdades absolutas são saudáveis e necessárias à problematização da situação de aprendizagem, do currículo escolar, dos conflitos, das contradições. Na práxis, elas permitem a criação de um novo modo de conceber e praticar a educação, o ensino e construir novas aprendizagens.

No seu livro *Pedagogia da Indignação* (FREIRE, 2000 (b), p. 133) a convocação freireana é para investirmos e mobilizarmos na construção de um projeto emancipador de educação, escola, diretamente articulado a um plano maior de construção de uma sociedade digna, fraterna e justa. “O sonho de um mundo melhor nasce das

entranhas de seu contrário”. Este sonhar coletivo pode estimular uma vontade imensa de romper com o óbvio, de descobrir coisas novas, de “fuçar”, de desvelar nuances; ele mobiliza a curiosidade epistemológica que transita da observação ao estudo sistemático, a formulações científicas, tecnológicas e conteúdos transdisciplinares. Essas também integram singularidades, regularidades, rupturas e relações de diferentes saberes socialmente construídos e/ou em níveis de espiritualidade e energias planetárias, onde o divino se abre ao encontro da vida terrena e na mãe Terra são geradas as sementes do amor, da esperança, da justiça, da solidariedade e da paz.

A esse movimento que rompe com a acomodação, a passividade, que nos desestabiliza, fragmenta, mas, tem força de reconstituir-se e religar-se como unidade planetária; a essa energia que “cutuca” nos faz desvelar mentiras adornadas de verdade, que nos move a não aceitar as obviedades e ir a busca da essência dos fenômenos, dos elementos da prática social, do conhecer para agir e transformar. Paulo Freire valoriza, assim, a relação educativa dialógica que forma e nos provoca a observar as situações que deformam, em nome de falas promessas de cidadania. Paulo Freire situa a educação como ato político comprometido com a autonomia de ser dos/as educandos(as). Ele chama à responsabilidade e ao compromissos ético todos(as) aqueles(as) que já avançaram na caminhada, para que compartilhem suas experiências e saberes, com os/as novos(as) caminhantes.

Paulo Freire insiste em colocar que **“formar é muito mais do que somente treinar o educando no desempenho de destrezas”** (Freire, 2007, p. 14); ou de colocá-lo em uma forma, moldá-lo e fazê-lo acreditar na supremacia do capitalismo que justifica e naturaliza a exclusão. Formar é participar com autonomia de um processo formativo para, com Paulo Freire, radicalizar a democracia e criticar com vigor a malvadeza neoliberal, “ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia” (Idem). E acrescenta: “Daí o tom de raiva, legítima raiva, que envolve o meu discurso quando me refiro às injustiças a que são submetidos os esfarrapados do mundo” (Idem).

A questão do respeito à autonomia de ser dos(as) educandos(as) e aos seus

saberes de experiência feitos sempre foi uma temática muito cara a Paulo Freire. Ele reforça o foco na prática social que move o processo educativo e nos atores que a constituem e a problematizam. Denota essa relação pedagógica de substantividade democrática necessária à emancipação das classes populares, mas, fundamentalmente de todos e todas que se reconhecem parceiros/as desse processo educativo de ser-mais. O motor da dialética, “ensinar e aprender”, é o reconhecimento de uma relação entre sujeitos concretos que estão dispostos a descobrir o mundo e se (re)conhecerem nele. O desejo e a motivação para o estudo que se materializam no cotidiano da escola como apreensão e apropriação crítica do conhecimento, vai abrir novas e promissoras relações dialógicas. Em que educadores(as) com seus educandos(as) podem atuar com autonomia, como sujeito humano de direitos. A alternância de papéis: ora de professor(a) ora de aprendiz e do aprendiz que em determinado momento ensina, comprova a dimensão dialógica e co-laborativa do processo formativo de ensinar e aprender em comunhão. (FREIRE, 1987).

Nessa perspectiva é que, nós educadores(as) não podemos escapar à rigorosidade ética, pois, é exatamente esta que “conota expressivamente a natureza da prática educativa, enquanto prática formadora” (FREIRE, 2007, p.15).

A prática formadora é substantivada da ética universal do ser humano. Paulo Freire declara que toda a sua Pedagogia é atravessada pela ética. Precisamos estar atentos/as, vigilantes, como educadores(as) críticos(as) para não transgredirmos a ética universal do ser humano, a ética da libertação na era da globalização, como bem relaciona Dussel (2000). Explica Freire: a ética que defendo condena o cinismo, a exploração da força do trabalho do ser humano, a desqualificação das culturas, os preconceitos, as discriminações e, sobretudo, a usurpação da vida, do direito à vida digna, justa e liberta. Esta ética excludente e perversa do mercado precisa ser condenada e transformada. A ética crítica proposta por Paulo Freire “condena acusar por ouvir dizer, afirmar que alguém fala A, sabendo que foi dito por B, falsear a verdade, iludir o incauto, golpear o fraco e indefeso, soterrar o sonho e a utopia, prometer sabendo que não cumprirá a promessa[...]”. (FREIRE, 2007. P.16).

É pela ética inseparável da prática educativa que devemos lutar e trabalhar incansavelmente para não negá-la nem transgredi-la. A melhor maneira de integrá-la aos nossos pensares, sentires e fazeres na escola, em casa, nas relações humanas em diferentes espaços sociais é testemunhá-la, vivaz, aos educandos e às educandas, entre nós, docentes, gestores, funcionários(as) em nossas relações cotidianas e com eles/elas. Um passo importante nessa conquista da ética e sua consolidação é a problematização; é a desmistificação da realidade, é a compreensão profunda dos/as estudantes e das relações com eles e elas. O respeito aos saberes de experiência feitos na prática social, o respeito à autonomia do ser de cada um/a são saberes necessários à prática educativa ética.

Ao integrarmos os ensinamentos e aprendizagens de Paulo Freire na nossa escola, podemos torná-lo uma presença constante nas nossas decisões. Isso, com certeza, nos possibilitará ampliar e aprofundar uma formação científica e tecnológica, fundadas na ética universal do ser humano. “Formação científica, correção ética, respeito aos outros, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitir que nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusa-lo do que não fez são obrigações a cujo comprimento devemos humilde, mas perseverante, nos dedicar” (FREIRE, 2007, p.17).

É importante salientarmos que não é concessão nem favor que nós educadores(as) estamos fazendo a nossos/as educandos(as). Faz parte da natureza do trabalho educativo, a eticidade, o respeito à autonomia e a dignidade de cada um/a. Isso é válido também para nós e nossos pares, Se não vivenciarmos essa ética, jamais conseguiremos respeitá-los(as) nem sermos respeitados(as) por eles/elas.

Precisamos trabalhar em comunhão para deixar fluir os saberes socialmente construídos nas práticas comunitárias, em seus diferentes espaços de convivência. Há necessidade de que eles cheguem à sala de aula para se estudar a sua gênese e compreendê-los com profundidade, para até desvelar “a consciência do opressor” que pode ter se instalado nessas tessituras culturais e se corporificado nas entranhas da gente, de muitas gentes. Diz Paulo Freire: “Por que não aproveitar a experiência que têm os

alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes”. (FREIRE, 2007, p.30). Problematicar diferentes perfis sociais e modos de vida em relação a índices pandêmicos; dialogar sobre direitos e deveres; sobre as diferentes governanças e decisões políticas e a favor de quem elas são tomadas; construir problemas e identificar quais as áreas do conhecimento e/ou disciplinas que poderão auxiliar na investigação e busca de soluções, são ações pedagógicas que nascem na prática social e a elas retornam como um bem social, em direção à conquista da cidadania emancipatória. (ALBUQUERQUE e OLIVEIRA, 2008).

O direito à cidadania emancipatória se realiza em uma caminhada histórica impregnada de conflitos e contradições, mas também, de possibilidades de transformação de cada ser humano em sujeito histórico, concreto e proativo, que marca a sua presença no mundo pelo reconhecimento da relevância de sua própria condição humana e pelo reconhecimento mútuo do outro como uma presença. Ambos, como presença-presente, são capazes de sonhar juntos, e no coletivo constatar, desvelar, comparar, avaliar, decidir, romper e transformar em comunhão.

Um currículo na escola homogeneizador, padronizado, formatado vai castrar e aprisionar corpos e mentes. A pedagogia Paulo Freire é fundada em uma proposta de educação como prática de liberdade. Isso significa que precisa haver lealdade e fidelidade de princípios de ambas as partes (docentes e discentes) para que a prática educativa se faça em clima de confiança e autenticidade. É importante que o professor(a) exponham seus pontos de vista de modo crítico, mas que não queiram impor os mesmos a sua classe. Os(as) estudantes precisam compreender as diferenças de percepção dos fatos e avaliarem as suas posições diante dos mesmos, sem medo de julgamentos a priori ou de retaliações. Essa postura ética deve ser construída no dia a dia da escola com todos os seus membros em diálogo com as famílias.

3. Passos para a autonomia: como ampliar trilhas na escola em diálogo com Paulo Freire

Nesse momento de nossa reflexão, sentimos a necessidade de conversar um pouco mais sobre a questão da autonomia de crianças e jovens, em especial, dialogando com Kamii (2003), que se fundamenta na teoria piagetiana para explicar o conceito de autonomia em estreita relação à formação dos conceitos de ética e moral. Apresenta três princípios que devem reger a construção da autonomia de crianças e adolescentes: a) Capacidade de escolha e decisão de crianças e adolescentes, que para serem construídas necessitam de relações seguras nas quais o poder do adulto seja reduzido ao máximo possível [...]; b) Eles precisam demonstrar iniciativa, levantar ideias, problemas e questões interessantes; c) Colocarem as coisas em relação umas com as outras.

Demonstraremos, aqui, como a Pedagogia Paulo Freire amplia e aprofunda esse conceito, relacionando-o à assunção cultural, à gênese do conhecimento, às contradições sociais e à responsabilidade na tomada de decisões; ou seja, autonomia se torna constitutivo nuclear de uma práxis libertadora.

No seu livro, **Retratos vivos do Cotidiano escolar: um estudo de crianças e adolescentes de camadas populares**, Albuquerque (1991) estuda a questão da autonomia em relação à estigmatização, em ambientes escolares e não escolares. Em um estudo mais recente, sobre a escolarização de adolescentes e jovens em situação de privação de liberdade institucionalizadas, em um CASE – Centro de Atendimento Socioeducativo em Recife/PE, foi possível demonstrar que, na caminhada para construção da autonomia, a presença do(a) educador(a) – professor(a) tornava-se indispensável, para mediar o diálogo e tentar desconstruir identidades “negativas”, romper com estigmas e explicitar a humanidade de cada ser humano ali aprisionado. Duas categorias se inter-relacionaram no estudo: identidade e estigma. “A identidade de um indivíduo está atrelada à rede de interações que ele estabelece com

o meio que o cerca e como a sociedade o acolhe, rejeita e/ou estigmatiza”. (SOARES e ALBUQUERQUE, 2016, p. 5).

Ficou evidente nesse estudo que a rebeldia faz parte do movimento de resistência para romper preconceitos, “rótulos”, estigmas, para exigir respeito a sua condição de ser humano; de valorização da vida e fazer rupturas com os preconceitos, as estigmatizações, e concretizar a possibilidade histórica de (re)construir identidades culturais e sociais plenas - SER MAIS.

Freire destaca a importância do respeito à questão da identidade cultural, e das contradições sociais na constituição da identidade dos sujeitos em relação uns com os outros e no mundo. Ele afirma que: a questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista leva “a assunção de nós por nós mesmos”. Este autor reforça a importância do respeito à autonomia do educando ressaltando a ideia da “inclusão do ser que se sabe inconcluso – “é o que fala do respeito devido à autonomia do ser do educando”. (FREIRE, 2007, p.59)

Destacamos assim a relevância da assunção da identidade cultural em práticas societárias emancipadoras que possibilitem cada sujeito a rever os seus modos de pensar, de sentir em relação estreita com as suas próprias ações praticas. Freire (2007), ao focar que ensinar exige o reconhecimento e a assunção à identidade do educando, complementa: “O verbo assumir é um verbo transitivo e que pode ter como objeto o próprio sujeito que assim se assume” (Idem). Em seu trabalho “O dilema do decente malandro”, Violante (1984) se aproxima de Freire quando aponta a necessidade de conhecer e acolher este educando/a, incursionando pela sua história de vida social, seus desejos, sentimentos, aspirações, expectativas e pelos seus sonhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, com tantas estimulações das mídias sociais e do uso das tecnologias no cotidiano de crianças, jovens e adultos fica muito difícil a mobilização desses para uma aprendizagem curricular, crítico-reflexiva, colaborativa e emancipatória. Por essa razão, precisamos estimular o desejo de aprender; ensinarmos com afeto, generosidade, cativá-los. É urgente demonstrarmos o nosso amor pela vida, pela natureza, por gentes. Paulo nos convida a trabalhar com-paixão, uma paixão generosa que implica no profundo respeito e amor ao ser humano.

Talvez, seja muito ousado pensar assim: vamos abrir nosso coração para a mudança! Vamos fazer o chamamento aos(as) educandos(as) sejam crianças, jovens e adultos para aprenderem conosco e ampliarem as suas visões de mundo. Reconhecamos a nossa escola, como Ethos, nossa morada; precisamos cuidar desse espaço e de todos(as) que dela fazem parte. A realidade atual do Brasil e as dificuldades que enfrentamos em tempos de Pandemia podem ser assustadoras, mas, juntos(as) podemos enfrentá-las. Demonstremos que, em comunhão, podemos ser-mais. Quando nos apaixonamos pela nossa escola, talvez até os desafios aumentem, mas o nosso vigor como profissionais – educadores(as) e compromisso com a vida humana se ampliam e consolidam nas mesmas proporções, fazendo-nos segui adiante. Podemos assim construir estratégias síncronas e assíncronas de ensinar e aprender. Mais do que em outras épocas, ensinar exige presença (mesmo que seja virtual), companheirismo, firmeza, lucidez e um profundo respeito a nós mesmos(as) como professores(as) éticos(as), este traduzido no respeito aos saberes e à autonomia do ser dos(as) educandos.

A história de vida de Paulo Freire, seu legado em obras e exemplos, nos ensina que é impossível assumir a vida, em sua totalidade sem correr riscos e, que só seres humanos livres são capazes de amar e lutar pela liberdade. Nessa perspectiva precisamos arriscar, transgredir e inovar. A boa briga é necessária; a rebeldia em favor de uma educação substantivamente democrática é uma força coletiva na beleza da escola, enquanto território político-pedagógico de transformação social.

Experiências reais movidas por ideias e afetos de professores(as) que não largam as mãos de seus(suas) estudantes e com eles descobrem que o coração abre as portas da razão; e isso poderá fazer toda a diferença em favor de um projeto de educação para a qualidade social. As palavras ou ideias apenas não bastam para Paulo Freire. Elas precisam ser “corporeificadas” pelo exemplo.

A “assunção cultural” e o respeito aos “saberes de experiência feitos”; o conhecimento profundo da realidade, a imersão crítica e o desvelamento de temáticas e problemáticas a serem enfrentadas; o colocar a mão na massa pelo fazer educativo emancipador; o reconhecimento e respeito à identidade do ser dos(as) educandos(as) podem ser elementos de uma nova história desbravadora em cada escola de Pernambuco, do Nordeste ou de todos os brasis do nosso Brasil.

A práxis transformadora precisa de seres pensantes e atuantes para se consolidar como história, “onde a exigência de justiça não signifique nenhuma limitação da liberdade, e a plenitude da liberdade não signifique nenhuma restrição do dever de justiça” (FREIRE e BETTO, 2000, p. 95).

Em síntese, **Paulo Freire na escola** significa caminhar com e abrir trilhas no caminho. A nossa sala de aula não pode se enclausurar em um castelo isolado dos problemas sociais. Estamos imersos até o pescoço nas problemáticas estruturais e conjunturais. Vivenciar um conhecimento- emancipação é comprometer-se com a vida, portanto, somos responsáveis em manter as portas da escola abertas, e com os nossos corações acolher estudantes, docentes e todos os trabalhadores(as) da educação para construirmos uma educação substantivada de democracia em múltiplos lugares do nosso Brasil.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, T. de S. e OLIVEIRA, E. S. G. **Avaliação da educação e da aprendizagem**. Curitiba: IESD Brasil. S. A., 2008.

ALBUQUERQUE, T. de S. **Retratos vivos do Cotidiano escolar: um estudo de crianças e adolescentes de camadas populares**. Cascavel – PR: ASSOESTE- Ed. Educativa, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

____. **Pedagogia da autonomia**. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

____. **Política e Educação**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000 (a);

____. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo: Editora UNESP, 2000 (b).

FREIRE, Paulo e BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida**. 11 ed. São Paulo: Ática, 2000.

FREIRE, Paulo e HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano e MAZZA, Débora. **Fazendo escola conhecendo a vida**. Campinas- SP: Papirus, 1986.

KAMII, C. **A criança e o número**. 30 ed. Campinas/SP: Papirus, 2003.

MORIN, Edgar. **Saberes Globais e saberes locais**. O Olhar transdisciplinar. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

SOARES, M. de L. P. dos S. e ALBUQUERQUE, T. de S. Uma escola através das grades: um estudo sobre o processo de escolarização de adolescentes e jovens privadas de liberdade. Anais do IX Congresso Internacional Paulo Freire, Recife/PE, 2016.

VIOLANTE, M. L. **O dilema do decente malandro**. São Paulo: Cortez, 1984.

Centro Paulo Freire - Estudos e Pesquisas, SINTEPE e o SINPROJA, de mãos dadas, com os(as) professoras(es) do Estado de Pernambuco, agregarão, a essas celebrações uma nova e mobilizadora energia educativa, pois, estes/estas com o seu trabalho cotidiano alicerçam a educação, abrindo trilhas para tantos brasis em nosso Brasil. Caminhando com Paulo Freire reafirmaremos a educação como ato político, comprometido com a qualidade social, com a vida, em síntese, com a ética universal do ser humano.

Através de artigos e textos, fundamentados na vida e obra de Paulo Freire, vivenciaremos um diálogo multidimensional e, conhecendo-o melhor, poderemos descobrir, desvelar e/ou reafirmar a necessidade da sua presença na escola, e coprodutora de uma existência digna, fraterna e justa. Vamos, de mãos dadas (Freire, 1987), mudar “a cara da escola”. Será uma “belezura”! (FREIRE, 2007).

Os olhos do mundo, em 2021, estarão voltados para o Recife – Pernambuco, cidade natal de Paulo Freire, pois, o seu centenário significa renascimento, produção de vida, resistência, denúncias e anúncios, em especial, é um centenário de **ESPERANÇA**.